

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

PATRICIA SANTOS DA SILVA

A LEITURA LITERÁRIA EM ESCOLAS RURAIS DE CONDE –PB: O
OLHAR DO PROFESSOR

JOÃO PESSOA – PB, DEZEMBRO DE 2017

PATRICIA SANTOS DA SILVA

A LEITURA LITERÁRIA EM ESCOLAS RURAIS DE CONDE – PB: O
OLHAR DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Especialização em
Educação do Campo, como pré-requisito para
obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Professora Dra. Maria Ester Vieira
de Sousa.

JOÃOPESSOA –PB

2017

S586l Silva, Patricia Santos da.

A leitura literária em escolas rurais de Conde-PB: o olhar do professor / Patricia Santos da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.

40f.

Orientadora: Maria Ester Vieira de Sousa
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização em Educação do Campo) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Práticas de leitura. 2. Leitura literária. 3. Discurso do professor.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 028(043.2)

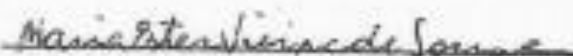
A LEITURA LITERÁRIA EM ESCOLAS RURAIS DE CONDE – PB: O
OLHAR DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pós- Graduação em Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, com requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo.


Orientadora: Professora Dra. Maria Ester Vieira de Sousa.

Aprovada em 14 de dezembro de 2017.

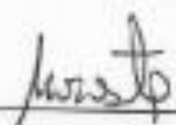
BANCA EXAMINADORA:



Professora Dra. Maria Ester Vieira de Sousa –Orientadora – UFPB



Professora Dra. Laurénia Souto Sales – Examinadora Externa – UFPB
Campus IV



Professora Dra. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti– Examinadora
Interna –UFPB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, pela força e a coragem de lutar pelos meus ideais;

A minha **família**, por me apoiar e estimular a seguir em frente;

A professora **Maria Ester Vieira de Sousa**, que, **com** muita paciência e sabedoria me ajudou nos momentos mais difíceis;

Ao corpo docente do curso de **Especialização em Educação do campo**, pelos ensinamentos ministrados;

As **professoras** entrevistadas, pela participação e colaboração em responderem as perguntas que foram grande valia para o meu trabalho;

Aos diretores das escolas **Jeni Rufino, José Albino Pimentel, Reginaldo Claudino de Sales** que contribuíram para que as entrevistas fossem realizadas;

E por fim a todos aqueles (as) que acreditaram no meu potencial e na minha capacidade de realização de mais um passo na vida. Obrigada por tudo!

Todo texto é uma partitura musical. As palavras são as notas, se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele desliza sobre as palavras, se ele está possuído pelo texto, a beleza acontece. E o texto apossa-se do corpo de quem ouve. Mas se aquele que lê não domina a técnica se luta com as palavras, se não desliza sobre elas a leitura não produz prazer: queremos logo que ela acabe.

Rubens Alves

Dedico este trabalho a minha filha Malica.

RESUMO

As práticas de leitura e de escrita ocupam um lugar fundamental na formação do ser humano como leitor. Por prazer ou por obrigação, tais práticas torna-se algo indispensável porque oferece condições para o sujeito se desenvolver. Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar, em três escolas da área rural do município de Conde-PB, a presença da leitura literária no interior da sala aula e papel que ela exerce. Para tanto, realizamos entrevistas com professoras do 4º ano do ensino fundamental, com o intuito de adquirir informações sobre a formação leitora dos alunos. Especificamente, objetivamos identificar as práticas leitoras que envolvem a leitura literária em sala de aula. Ao todo, foram entrevistadas três (3) professoras de três (3) escolas diferentes. Utilizamos, como instrumentos para a coleta de dados, entrevistas gravadas em áudio, a partir de perguntas semiestruturadas. Do ponto de vista teórico, tomamos como base as pesquisas realizadas por Abramovich (1997), Zilberman (2009) e Sousa (2008 e 2013). As análises dos dados permitiram-nos chegar à conclusão de que as professoras utilizam as mais variadas atividades com o texto literário para trabalhar a leitura, sempre associando ao estudo da gramática. Também verificamos que as professoras têm muita dificuldade em trabalhar a leitura de forma lúdica, já que não existe formação na escola e nem um planejamento que contemple essa temática de como deve ser trabalhada a leitura no ambiente escolar.

Palavras-chave: Práticas de leitura; Leitura literária; Discurso do professor.

ABSTRACT

Reading and writing practices occupy a fundamental place in the human being formation as a reader. Being for pleasure or for obligation, they become more indispensable by offering conditions for the subject to develop himself/herself. This research has the purpose of investigating three different schools of the rural area in the city of Conde-PB, noticing the presence of the literary reading not only inside classroom, but observing the role that it has in students and teachers life. Therefore, we conducted interviews with 4th grade teachers in elementary school, in order to acquire information about student's reader training. Specifically, our aim is to identify reading practices that involve literary reading in the classroom. Altogether, three (3) teachers from three (3) different schools were interviewed. We used, as instruments for data collection, interviews recorded in audio, with semi structured questions. From the theoretical point of view, we take as base the research made by Baranovich (1997), Zilberman (2009) and Sousa (2008 and 2013). The information analyzed, lead us to conclude that teachers normally use a great variety of activities with literary text in order to practice reading, and they always try to associate it with grammar studies. We also check that teachers have a great difficulty in working with reading in a playful way, since there is no formation in school and no planning that includes this thematic and how it should be worked in classroom.

Keywords: Reading practices; literary reading; Teacher's speech

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A LITERATURA NA ESCOLA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS.....	11
3. A LEITURA E A LITERATURA NA SALA DE AULA SOB A VISÃO DAS PROFESSORAS	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE	33
ANEXOS.....	35

1- INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a presença da Leitura Literária no interior da sala de aula de escolas rurais de Conde-PB e o papel que ela exerce, levando em consideração o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. Especificamente, objetivamos identificar e analisar as práticas educativas que envolvem a leitura literária em sala de aula, a partir de entrevistas com professores e observação de aulas.

Como demonstram pesquisas, a exemplo de Abramovich (1997) e Zilberman (2009), a leitura literária, em geral, associa-se à formação do leitor que sente prazer em ler. Contudo, a literatura no ambiente escolar quase sempre está restrita apenas à leitura por obrigação, tendo o livro didático como a principal fonte de informação. Quando se trata da escola do campo, essa realidade é bem pior, pois não existem bibliotecas, nem salas de leitura muito menos livros.

A falta de incentivo, muitas vezes, parte do próprio professor por entender que a leitura apenas para deleite não ajuda na formação escolar do aluno. De qualquer modo, é preciso perceber que, historicamente, a escola no Brasil não foi criada para atender às classes menos favorecidas da sociedade, por isso que os investimentos que lhes são destinados ainda são muito poucos. Até hoje a população carece de uma escola de qualidade onde os educandos sejam respeitados e valorizados como sujeitos de direitos.

Essa divisão de classe que foi imposta à sociedade brasileira pela burguesia é vista em todos os setores e a escola não está fora desse modelo em que os desfavorecidos são tratados como coisas. No ambiente escolar, isso não é diferente, principalmente, dentro das escolas do campo, ambiente em que encontramos um grande número de alunos que, infelizmente, pouco leem e pouco escrevem.

Essa afirmação também decorre de nossa experiência como professora de escolas do campo. Durante o tempo em que lecionamos, enfrentamos vários problemas em relação à aprendizagem dos alunos, decorrentes, principalmente, do baixo nível de leitura. Essa deficiência no que diz respeito ao hábito de ler demonstra que nas escolas a leitura ainda não foi incorporada no fazer pedagógico cotidiano. Acreditamos que esse trabalho fica assim restrito, pois o ensino da leitura só é levado a sério quando o professor se sente sensibilizado e tocado, quando ele também é um leitor. Dessa forma, se gosta de ler, tem maiores chances de fazer com que seus alunos tenham prazer em ler.

Um outro fator que nos motivou a fazer esta pesquisa foi baseado na nossa experiência como promotora de leitura da Associação Educativa Livro em Roda, que

desenvolve um trabalho de incentivo à leitura, possibilitando o acesso aos livros para alunos das escolas rurais do município de Conde-PB, através de empréstimo de livros de literatura, já que a inexistência de bibliotecas nessas escolas é notável. Como participante desse projeto, sempre nos interessamos em saber como o texto literário fazia parte do cotidiano das escolas para além da presença desse projeto.

Acreditamos que a leitura deve ser algo de presença constante em todos os momentos do ambiente escolar, para que a criança entenda que essa prática é indispensável para sua formação como cidadão de direito, contribuindo para suas tomadas de decisões acerca do meio em que está inserida.

Nesse sentido, o trabalho com a leitura precisa partir do pressuposto de que ela viabiliza no aluno uma visão de mundo, muito além do ambiente escolar, permite-lhe sonhar, viajar sem precisar sair do seu lugar. Por isso, a escola precisa se renovar para adotar em seus projetos pedagógicos práticas de leituras que envolvam a leitura como algo prazeroso e que se relacione com o meio onde a criança vive.

Do ponto de vista da metodologia da pesquisa de campo, para atendermos a nossos objetivos, delimitamos a pesquisa a três escolas do campo do município de Conde-PB: Escola Municipal José Albino Pimentel, localizada na comunidade de Gurugi; Escola Gení Rufino, localizada na comunidade do Ademário Regis Escola Reginaldo Claudino de Sales, localizada na comunidade do assentamento Dona Antônia. Essas escolas foram escolhidas porque, além de serem todas na zona rural, temos um maior acesso aos professores. Durante uma semana, observamos as aulas em turmas do 4º ano do ensino fundamental. Especificamente, escolhemos essas séries pelo fato de acreditarmos que os alunos já dominam (ou deveriam dominar) a leitura de forma mais autônoma.

Além da observação das aulas, também realizamos entrevistas com as três professoras das referidas turmas. As entrevistas seguiram perguntas estruturadas, mas com possibilidade de acrescentar outras perguntas em função das respostas obtidas. As perguntas que orientaram a entrevista foram: Quais textos você utiliza em sala de aula? De que os alunos gostam mais? Você usa os textos com qual frequência em suas aulas? Como você usa os textos? Que tipo de atividades você desenvolve com esses textos? Você considera importante trabalhar com o texto literário em sala de aula? Por quê? Com essas perguntas, esperávamos que as professoras falassem mais sobre as atividades que são desenvolvidas em sala de aula. Durante a análise, as professoras serão

identificadas como professora 1, professora 2, professora 3, afim de preservar suas identidades.

Este trabalho está dividido em três partes: nesta introdução, situamos o objeto de trabalho, a justificativa, os objetivos e a metodologia da pesquisa de campo. No segundo capítulo, trazemos uma discussão sobre a Literatura na escola, objetivando, a partir de pesquisas na área, dar a conhecer como a leitura literária é importante no ambiente escolar para a formação do leitor. No terceiro capítulo, intitulado “O papel da Literatura na sala de aula: visão das professoras”, analisamos os depoimentos das professoras. Por último, apresentamos as considerações finais.

2- A LITERATURA NA ESCOLA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS

A leitura vem sendo cada vez mais difundida como algo que vai além do ato de decodificar palavras. Dessa forma, no ambiente escolar, ela tem uma função específica que não deve se limitar em apenas ensinar o código escrito. Entretanto, ao longo dos tempos, a escola não assumiu essa tarefa como uma ferramenta fundamental para a formação dos seus alunos.

Segundo Freire (1997, p.1), “[...] a Leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” Para esse autor, é valorizando o contexto onde o aluno está inserido e o conhecimento de mundo que ele possui que a leitura deve ser trabalhada para que esta se torne algo prazeroso e tenha algum significado para o aluno.

Tendo em vista a relação entre a escola e a leitura, consideramos relevante registrar o que afirma Zilberman (2009, p.23):

Desde a antiguidade, a escrita e a leitura ocupavam um lugar relevante como instrumento necessário ao funcionamento da sociedade, já que conferiam materialidade aos bens em circulação – fossem propriedades e negócios, ou crenças e literatura. Contudo, seu emprego não era hegemônico ainda que contassem com instituições destinadas a sua transmissão, como a escola, criada para tal fim, ou como a religião, que as valorizava enquanto podiam constituir a ferramenta de acesso e difusão dos textos considerados sagrados. [...] escrita e leitura alcançam um estatuto diferenciado que as coloca acima das demais maneiras de interlocução entre os indivíduos e o meio social [...]

Sabemos que a realidade das escolas brasileiras apresenta poucos espaços apropriados para o desenvolvimento dessa atividade o que vemos são alunos com grandes dificuldades em competências para a apropriação da leitura. A situação ainda é mais difícil nas escolas do campo, já que o acesso aos bens culturais é visto como um problema social decorrente da falta de investimentos em cultura.

É importante ressaltar que ler de tudo faz você ter uma visão mais ampla de conhecimento, quanto mais você lê, mais o seu mundo cresce, já que a leitura exige de

nós leitores uma estrutura dupla de vivência com aquilo que é lido. Conforme afirma Zilberman (2009, p. 30), a leitura deve ser “Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca.”

A leitura, compreendida dessa maneira, só terá sentidos se tocar o leitor de forma que lhe faça bem ou que o deixe inquieto ou que o faça questionar e problematizar o mundo à sua volta. A leitura deve ser algo contínuo, como um processo de aprendizagem e como uma atividade prazerosa. Nessa perspectiva, a escola pode criar os mais diversificados espaços dentro de suas salas de aula que sejam acolhedores, interessantes e aconchegantes para o desenvolvimento da leitura de forma lúdica.

Neste universo de encantamento da leitura, a fantasia deve fazer parte do aprendizado da leitura pelo aluno, levando-o a se inserir de forma espontânea, mediado por um interesse imaginário, vivendo novas aventuras, despertando emoções e refletindo sobre a vida na descoberta de coisas novas.

É na escola que o professor deve fazer com que os alunos descubram que ler faz parte de sua formação e que pode ser uma atividade prazerosa, para que um dia, quando ele deixar a escola, esse encantamento da leitura seja mantido. No contexto da promoção da leitura, Zilberman (2009, p.27) nos fala do papel do adulto que medeia a relação entre o livro e a criança:

Para a criança, que, enquanto não lê, depende exclusivamente da voz adulta que decodifica o mundo ao seu redor para ela, também a aprendizagem da leitura repercute como possibilidade de emancipação. Os bens culturais, que privilegiam a transmissão escrita, tornam-se acessíveis para ela e, por conseguinte, manipuláveis.

Então, a leitura na escola deve ter uma participação coletiva de todos os envolvidos no ambiente educacional. O papel da escola é fazer com que os alunos desenvolvam o hábito da leitura. É certo, conforme demonstra Sousa (2014, p.83), que, na escola, o aluno precisa ler o que nem sempre ele gostaria, ou seja, há determinadas leituras que ele tem a obrigação de fazer:

[...] a condição de aluno implica necessariamente a leitura, visto que está surge no interior da escola não apenas como conteúdo de ensino (na disciplina de Língua Portuguesa), mas como condição de aprendizagem de todos os outros conteúdos escolares (matemática, ciências, história, geografia). Ler é, portanto, uma ação correlata da função aluno, ainda que o professor, em geral, afirme o contrário, ou mesmo que o aluno afirme não ler.[...] defendendo que existem leituras

realizadas por prazer e aquelas que respondem a uma obrigação escolar ou não.

O gosto pela leitura, portanto, precisa ser compreendido nessa relação entre prazer e obrigação e pode perfeitamente ser desenvolvido como algo interessante para o leitor. Esse é um trabalho que o professor e a escola devem fazer em conjunto. É preciso “fisgar” o aluno para que ele, ao longo do tempo, seja um leitor.

A formação do professor, nesse sentido, é fundamental, pois, em primeiro lugar, o professor tem que gostar de ler, porque, se ele lê por prazer, a sua relação pessoal com o outro (o aluno) se torna mais ativa, transformando esse leitor e buscando uma maior aproximação com o mundo que o rodeia.

Como afirmamos, a prática da leitura pode ser algo prazeroso porque nos insere em um mundo amplo de conhecimento, nos leva para caminhos jamais conhecidos. Dessa maneira, a criança deve ser atraída pela leitura desde a infância, momento em que o contato com os livros é fundamental. O professor deve sempre aguçar no aluno esse prazer pela leitura, partindo do pressuposto de que é o leitor que atribui significado ao texto por ele lido. Zilberman (2009, p. 30) ressalta:

[...]a escola pode ou não ficar no meio do caminho :se cumprir com sua tarefa de modo integral, transforma o indivíduo habilitado à leitura em um leitor; se não o fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura.

Considerando essa responsabilidade da escola, a autora chama a atenção de todos que estão envolvidos nesse contexto para a necessidade de um trabalho coletivo baseado na relação aluno-professor, professor-aluno na elaboração de um plano de leitura que seja incorporado no dia a dia da escola como princípio educativo, como fator principal para a emancipação, que venha contribuir para a formação do pensamento crítico dos alunos.

No ano de 2010, foi sancionada a lei nº 12.244 de 24 de maio, que obriga estados e municípios a criarem o Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE). Esse programa fornece obras literárias e materiais de apoio para as escolas desde a educação infantil até o ensino fundamental, incluindo a EJA (BRASIL, 2014). Conforme dados oficiais (BRASIL, 2014), esse programa foi criado com o intuito de incentivar mais a leitura no ambiente escolar. Mas, ao longo dos anos, vimos que essa ideia não vem surtindo efeito, principalmente porque o Ministério da Cultura, que é

responsável por todas as bibliotecas, não criou um projeto permanente de formação para bibliotecários; não possibilitou a formação de um acervo suficiente para atender a demanda das escolas com um grande número de alunos e nem investiu na formação de mediadores de leitura. Assim, podemos dizer que, apesar da existência da lei que obriga Estados e Municípios brasileiros à criação e manutenção dessas bibliotecas, essa iniciativa está muito distante da realidade de muitas escolas brasileiras. Mais uma vez, podemos verificar que o problema é mais comum nas escolas rurais dos municípios onde as condições de infraestrutura são precárias.

A ideia de criação de bibliotecas em cada município levanta um questionamento sobre qual é o papel da biblioteca. Acreditamos que não interessa só construir bibliotecas e encher as estantes de livros, mas fazer com que a biblioteca seja um local prazeroso de visitação, englobando inclusive outras mídias que possibilitem ao aluno encontrar aquilo de que precisa para suprir suas necessidades. Dessa forma, o que interessa é que ela esteja cheia de pessoas que vêm que a leitura é algo primordial. Sabemos que ter o livro disponível em uma biblioteca não significa que o aluno vai ler. É preciso fazer um trabalho de modo que o aluno seja conquistado e isso só é possível quando a escola cria projetos que incorporam a leitura em seu cotidiano.

Conforme diz Barbosa (2014, p.19),

Como todo projeto didático necessita de um produto, um projeto de literatura oferece uma gama variada de possibilidades que vão desde a escrita de resenhas de livros à elaboração de textos literários tais como poesia, crônica, conto e até mesmo romances, que podem vir a se transformar em livros, em encenações, ou saraus.

Vale ressaltar que os projetos didáticos de leitura têm um papel fundamental na formação do sujeito, buscando a disseminação da leitura na difusão do conhecimento, visando contribuir para a formação de sujeitos críticos e reflexivos. Os projetos de leitura dentro de uma escola devem mobilizar todos os professores do ambiente escolar. Nesse sentido, a leitura deve ser um exercício constante em que o professor deve ajudar os seus alunos a descobrirem que leitura mais se aproxima de seus desejos, observando aquilo que mais lhes interessa.

Saber trabalhar com um texto faz toda diferença para se conquistar um aluno leitor. Para tanto, o professor pode, no início do processo de aprendizagem da leitura, levar para a sala de aula textos simples, para que, ao longo do tempo, o aluno vá sendo

motivado no desenvolvimento do ato de ler. Após o despertar para a leitura, o professor pode introduzir textos mais complexos.

Para compreender especificamente a relevância da leitura literária, lembramos Abramovich (1997, p.17) quando afirma:

É através duma (sic) história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética e outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome de tudo isso e muito menos achar que tem cara de aula ...Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

Como se observa nessa citação, a leitura literária, embora não tenha uma função didática, ajuda o leitor a conhecer aquilo que é desconhecido, inserindo-o em um mundo novo, com caráter de emancipação do ser. Porém, essa prática tem que ter algo mais que o simples fato de ler, no sentido de decodificar o escrito; é preciso entender o que ela nos proporciona à medida que nos relacionamos com o meio e com os outros. Toda leitura é importante para o aluno, desde que ela estabeleça uma relação de conhecimento com a realidade vivenciada em sociedade. Conforme Larrosa (2002, apud SALES, 2011, p. 116):

Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não somente com aquilo que o leitor sabe mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma ou nos transforma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão frente aquilo que somos [...] como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser quem somos.

Sales (2011, p. 116), ao comentar essa citação, nos lembra que, na perspectiva defendida por Larrosa, não se pode pensar a leitura apenas como uma decodificação de sentidos, “[...] apenas como um ato prazeroso ou como um meio de se adquirir/resgatar informação, mas como um processo que(trans.) forma o sujeito”. A autora ainda ressalta que a leitura pode influenciar o sujeito de várias maneiras, ao longo do tempo, e isso só é possível porque ela provoca uma mudança interior que vai muito além do ato de ler.

Vale salientar que as avaliações nacionais mostram que a proficiência de leitura dos estudantes brasileiros ainda é muito baixa. Exemplo disso verifica-se nos últimos dados divulgados em novembro de 2017(BRASIL, 2017), pelo Instituto

Nacional de Estudos e pesquisas Educacional Anísio Teixeira (INEP), que revelam que a alfabetização, entre 2014 e 2016, estagnou. Ainda segundo o site do INEP, mais da metade dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental apresenta níveis insuficientes em leitura e em matemática. No ano de 2014, os estudantes que apresentaram níveis insuficientes foram de 56,17%; no ano de 2016, esse percentual sofreu uma pequena alteração, mas ainda permaneceu muito alto: 54,73% insuficientes, contra 45,27% suficientes. As regiões Nordeste e Norte do país foram as que apresentaram os piores resultados de leitura com índices de 70,21% e 69,15%, respectivamente, de níveis insuficientes. Nas outras regiões, esses níveis diminuem em percentual: a região Centro–Oeste com 51,22%; a região Sul, 44,92% e a Sudeste com 43,69%. Esses dados nos mostram que a dificuldade dos alunos em leitura começa a partir dos níveis mais elementares, básicos, ligado à decodificação, até chegar à leitura de um texto mais completo ou complexo.

Nas escolas paraibanas, a pesquisa também revelou que mais de 71,5% dos alunos apresentaram níveis insuficientes. Como se vê, o Brasil não tem avançado em seu desempenho nas escolas. É preciso que haja uma melhoria na qualidade da educação que é ofertada à população brasileira. Essa realidade de descaso em que se encontra o ensino brasileiro é mais presente nas escolas da zona rural. Como já afirmamos, isso se deve ao fato de historicamente a escola ter sido criada para a elite. Até os dias atuais, esse modelo vem se perpetuando e a cada dia a escola vem perdendo sua função social que é de formar cidadãos críticos e reflexivos. Contudo, sobre o saber escolarizado, como o único saber legítimo, Freire (1989, p.34) adverte:

Enquanto expressão da ideologia dominante, este mito penetra as massas populares provocando nelas, às vezes, auto desvalia por se sentirem gente de nenhuma ou de muito pouca “leitura”. Se faz preciso, então, enfatizar a atividade prática na realidade concreta (atividade a que nunca falta uma dimensão técnica, por isso, intelectual, por mais simples que seja) como geradora de saber. O ato de estudar, de caráter social e não apenas individual, se dá aí também, independentemente de estarem seus sujeitos conscientes disto ou não. No fundo, o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem.

Neste sentido, é preciso entender que a dinâmica social da escola deve ser algo constante que vai muito além do ato de estudar, levando em consideração o papel da

escola na construção do conhecimento, frente às exigências que são (im)postas à sociedade. E nesse contexto a leitura literária tem um importante papel a cumprir.

3-A LEITURA E A LITERATURA NA SALA DE AULA SOB A VISÃO DAS PROFESSORAS

Conforme já afirmamos, o ensino da literatura no ambiente escolar contribui muito para que os alunos se desenvolvam como sujeitos críticos e reflexivos. Em outras palavras, na escola, a literatura se transforma em um instrumento de formação que possibilita ao leitor refletir sobre os mais diversos assuntos. Ela trata de sentimentos, sensações e situações cotidianas, misturando realidade e fantasia, que são fundamentais para a formação do leitor.

Como defendem várias pesquisas, dentre as quais Abramovich (1997) e Zilberman (2009), a literatura permite ao leitor experimentar outros mundos, viajar sem sair do lugar, nos faz humanos no entendimento dos dramas vivenciados. Dessa forma, ela se torna um importante instrumento de emancipação que nos liberta e nos humaniza. É baseando-nos nessa perspectiva humanizada/humanizadora da literatura que iremos analisar, a partir da visão das professoras, qual o papel da leitura literária nas escolas do campo em que desenvolvemos a pesquisa.

Contudo, é preciso ficarmos atentos ao que problematiza Barbosa (2014, p.10):

O primeiro impasse enfrentado pelo professor advém da falta de especificidade do termo “literatura”, que precisa ganhar contornos mais reais e verossímeis e justificativas mais palpáveis para a sua inserção como disciplina escolar. O conhecimento pelo professor de que a literatura humaniza não é o suficiente a sua “adequada escolarização”, para utilizar uma expressão de Magda Soares (1999), para quem a escolarização da literatura é um processo inevitável no âmbito da escola. Este processo, quando mal feito, descontextualiza os discursos de sua fonte original simplificando-os, condensando-os, selecionando-os com o único intuito de transformar o conteúdo em material didático.

Para contextualizar as análises, repetimos que foram realizadas entrevistas com três (3) professoras do 4º- ano de escolas municipais de Conde -PB, escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa. A professora 1 possui formação no Magistério; está

cursando o 4º período do Curso de Pedagogia e leciona há cerca de 4 anos. A professora 2 é formada em Pedagogia e leciona há mais de 10 anos. A professora 3 é formada em Pedagogia e leciona há um ano. Nas entrevistas, buscamos identificar as práticas de leitura desenvolvidas pelas professoras no interior das salas de aula, com o objetivo de investigar como se dá a presença do ensino da literatura nesse espaço.

De acordo com o que afirmamos na introdução deste trabalho, as professoras serão identificados pela nomenclatura professora 1, professora 2 e professora 3. De modo geral, foi possível perceber, através dessas entrevistas, que as professoras, ao serem questionados sobre como trabalham a leitura no ambiente escolar, demonstram em suas respostas que essa proposta ainda é indefinida.

Iniciamos verificando, nos trechos abaixo, o que elas afirmam sobre a presença do texto na sala de aula:

Entrevistadora: Quais textos você utiliza em sala de aula?

Professora1: É os textos eu utilizo vários tipos de textos, vários gêneros, eu não me prendo a um só. É geralmente eu gosto muito de trabalhar com poesias com literatura de cordel, geralmente eu trago pro meus alunos. Eu trabalho com textos informativos também. O texto ele é bem presente nas minhas aulas. Eu uso o texto praticamente todos os dias, e a partir desses textos eu trabalho tanto a parte interpretativa do texto e a parte gramatical certo, eu interligo esses assuntos ao texto geralmente.

Professora 2: Olha os textos da gente são os mais diversificados né? eu não tenho aquele eu não adotei um texto e nenhum livro. Eu tenho os livros que os alunos, que eu vejo interesse dos alunos, que são os livros as vezes que eu trago, um texto que eu trago, as vezes um texto que tem na sala mesmo eles apresentam, eu vejo que todos tem interesse. Como eu mesmo já falei para você (entrevistadora) do gibi. O gibi foi trabalhado na semana que eles se interessaram cada um levou um dia o gibi e comentou né? E comentou o que estava acontecendo no gibi, achei muito interessante por que isso partiu deles esse interesse pelo gibi.

Professora3: Os textos são diversificados, eu uso os textos dos livros e também uso muito do Eu Gosto, eu acho os textos interessante.

As professoras, a partir dessas respostas, deixam claro que os textos trabalhados em suas salas de aula são os mais diversificados. Pelo que afirmam, é possível perceber que cada uma leva em consideração o seu gosto pelo gênero textual que leva para trabalhar nas salas de aula. Também é possível observar que a professora 2, apesar de trabalhar com diversificados textos, procura respeitar e valorizar a escolha do aluno. Embora não possamos dizer que essa seja uma prática refletida e planejada, é importante registrar que a leitura assim concebida vai tendo significado, possibilitando a autonomia do leitor que é capaz de selecionar o gênero que lhe interessa.

Vale ressaltar ainda que o texto, para as professoras entrevistadas, tem dupla funcionalidade, pois, enquanto uma professora trabalha o lúdico, outras se utilizam da leitura desses textos para trabalhar outros conhecimentos, dentre os quais o gramatical.

A professora 2, por exemplo, sugere em seu relato que o trabalho com a leitura não é algo planejado, mas ocorre de forma aleatória, pois “às vezes” utiliza um livro que ela leva, “às vezes um texto que tem na sala”. Nesse caso, seria importante que a escola ou a professora desenvolvesse um projeto de leitura, conforme Barbosa (2011), o qual seria planejado com uma sequência didática, na qual poderia incluir o interesse do aluno em relação ao gênero textual, como é o caso do Gibi, mas de um modo adequado, pensado. Nesses projetos, a escola deve proporcionar um trabalho contextualizado para que a leitura tenha algum significado para o aluno que poderá sentir mais prazer ao ler um texto.

A professora 3, apesar de falar que utiliza textos diversificados, não deixou claro quais os gêneros utilizados. Percebe-se pelo depoimento da professora a carência que a escola tem em relação à quantidade de materiais didáticos para o desenvolvimento das atividades de leitura em sala de aula.

Vejamos agora como as professoras se posicionam em relação à preferência de leitura de seus alunos:

Entrevistadora: De que os alunos gostam mais?

Professora1: Meus alunos eles adoram poesias, eles adoram literatura de cordel, eles têm paixão. Assim quando eu trago eles gostam muito e me cobram sempre pra que eu traga. Então esse é um gênero que na grande maioria é um dos preferidos.

Professora 2: Eles gostam ... o que eles gostam mais é como eu já falei, eles não tem aquele gosto pra uma coisa é aquilo que chama a sua atenção, livros que chamam a atenção deles.

Professor3: Eles gostam mais da ...deixa eu ver, tem dois que eles gostam mais, os contos e culinária, eu trabalho bem legal com eles.

No depoimento de P1, é preciso ressaltar o fato de que os alunos têm um gosto específico pelos gêneros literários como poemas e literatura de cordel, destacando-se esse último como um dos gêneros textuais de que mais gostam. Inclusive essa informação se relaciona ao que antes P1 já havia afirmado em relação aos textos que levava para sala de aula, demonstrando um atendimento à preferência dos alunos. Acreditamos que esse gosto deve-se ao fato de essa forma de literatura estar mais próxima da realidade em que eles vivem, apresentar temas conhecidos e usarem sua composição uma linguagem que tem familiaridade com o cotidiano dos alunos, com frases que rimam, tornando-se, assim, uma leitura bem acessível.

O depoimento da professora 2 demonstra que os seus alunos ainda não conhecem muitos gêneros textuais, por isso ainda não são capazes de ter uma autonomia que os leve a adquirir preferência por algum gênero. Nesse sentido, este gosto fica restrito porque provavelmente a leitura não foi desenvolvida como um processo de apropriação do conhecimento.

P3 acrescenta, dentre os gêneros literários, os contos, mas sua resposta é bastante vaga. Provavelmente, ela se refere aos contos infantis, mas não podemos afirmar com certeza. Além disso, vejamos que ela fala em “culinária”, certamente, referindo-se às receitas culinárias, como um gênero que ela trabalha “bem legal” com os alunos. Esse gosto dos alunos reflete a pouca diversidade do acervo que a professora leva para os alunos e que a escola disponibiliza.

Vejamos o relato da professora quando perguntamos com qual frequência ela trabalha com textos em suas aulas:

Entrevistadora: Você usa os textos com qual frequência?

Professora1: Eu uso o texto frequentemente, praticamente todos os dias eu trago textos pro meus alunos e a partir desses textos eu trabalho tanto a parte interpretativa do texto e a parte gramatical certo. Eu interligo esses assuntos ao texto geralmente.

Neste depoimento, P1 afirma que usa o texto frequentemente, como uma forma exclusiva de trabalhar os conteúdos em sala de aula, explorando tanto atividades de

interpretação como também atividades relativas à gramática da língua. Neste caso, vemos que a leitura para esta professora é algo que não pode ser trabalhado separadamente das atividades gramaticais. Dessa forma, a leitura não se configura como prazer, mas como obrigação para cumprir outras habilidades, que, a nosso ver, são importantes também, mas, nesse sentido, a leitura literária deixa de ser um processo de interação que satisfaça o leitor e passa a ter um cunho pedagógico que desfigura a sua função primeira. Vejamos o que responde P2 para a mesma pergunta:

Entrevistadora: Você usa os textos com qual frequência?

Professora2: Todos os dias, porque eles tem contato não só aqui na sala, mais como lá no cantinho da leitura, eles passam direto as vezes vão pegar livros, já vem já com o livro na mão e eu vejo que isso ajuda a eles, porque eu deixo livre, eu não fico dizendo pegue esse ou pegue aquele não, eu deixo livre porque no dia que eles quiserem pegar eles pegam e no dia que eles não quer pegar não pegam.

Notemos que para a professora independentemente de ela usar ou não os textos, todos os dias os alunos têm contato com a leitura. Portanto, essa prática faz parte do cotidiano desses alunos, através dos livros que são disponibilizados no cantinho de leitura existente na escola: os alunos entram na sala de aula e “já vem com o livro na mão”. Vejamos que ela afirma que eles têm total liberdade de ler ou não, já que está leitura não é imposta para o aluno como uma regra a ser cumprida a todo rigor. Neste sentido, eles são livres na hora de escolher o que querem e o que não querem ler. Verifica-se, assim, uma forma despretensiosa de formar um leitor, tendo na leitura algo que vai além da obrigação. Ressaltamos que o “cantinho da leitura” faz toda a diferença nesse espaço.

Já P3 é bastante breve em sua resposta. Vejamos:

Entrevistadora: você usa os textos com qual frequência?

Professora3: Bastante frequência viu. Duas vezes por semana.

Percebe-se que a professora, além de bem sucinta, se contradiz ao falar que trabalha com textos com bastante frequência quando diz que trabalha apenas duas vezes por semana. Com isso, fica bem claro que ela não demonstra segurança ao responder.

Isso pode ser reflexo da falta de um planejamento que coloque a leitura na sua prática, no seu cotidiano de professora.

Passemos para outra pergunta que coloca em primeiro plano a metodologia de trabalho com a leitura.

Entrevistadora: Como você usa os textos?

Professora1: Eu uso os textos como falei anteriormente para trabalhar a parte interpretativa quanto a gramática. E geralmente eu trago esses textos impressos certo para eles, alguns eu ...eu faço ...copio no quadro pra que eles também venham treinar essa parte escrita né, mas geralmente eu trago impresso que é pra eu ganhar tempo.

O discurso da professora1 mostra que na sua sala de aula o texto é trabalhado de várias formas. Contudo, ela desconsidera a função de fruição da leitura literária quando se utiliza desses textos para trabalhar as habilidades de escrita, relacionada à mera cópia do texto. Neste mesmo sentido, a professora não compreende que o trabalho com a leitura exige outras atividades para desenvolver outras habilidades e competências diferentes das que já foram citadas em seu depoimento.

Durante a observação em sala de aula, pudemos perceber que a prática utilizada pela professora muitas vezes pode atrapalhar o processo de aprendizagem da leitura já que se configura como tarefa que a todo momento exige do aluno competências e habilidades que se distanciam da leitura como um processo de compreensão e, ao mesmo tempo, de prazer. Do ponto de vista das atividades gramaticais, a professora apenas solicitava que os alunos identificassem as classes gramaticais (adjetivos, substantivos e verbos), sem que essas palavras fossem trabalhadas no seu contexto, ou seja, sem que fosse atribuído sentido ao texto.

Sousa (2008), a partir de análises de depoimentos de professores e de alunos acerca da leitura, conclui que:

[...] a leitura compreendida como prática social se insere no espaço escolar como seu lugar instituído, regulamentado e naturalizado, mas ao mesmo tempo, não pode deixar de refletir as práticas mais gerais que vinculam o leitor a outros espaços sociais.

No caso da professora1, observamos que há um modo escolar de leitura que pouco se liga à prática da leitura em outros espaços sociais.

Já a forma como P2 usa os textos em sala tem um sentido diferente da visão da professora 1, como apresentaremos a seguir.

Entrevistadora: Como você usa os textos?

Professora2: Eu trabalho com leitura individual ou leitura de socialização. E também assim eu trabalho a interpretação do texto, eu gosto muito de trabalhar com a interpretação o que foi que aconteceu pra ver se realmente houve entendimento do que eles leram.

Essa visão do professor mediador, ao trabalhar com as atividades que englobam a leitura, é fundamental para o desenvolvimento do aluno. Pode-se perceber que o professor neste caso tem uma função de intermediar o texto em sala de aula, inclusive trazendo o texto para o contexto do aluno. A leitura silenciosa para o professor surge como uma forma particular de o aluno ler o texto para si. Como se vê, essa iniciativa da professora rompe com algumas metodologias de ensino da leitura que não contribuem para a formação crítica do sujeito. Durante observação das aulas dessa professora, pudemos perceber em sua prática essa dinâmica de trabalho: primeiro os alunos faziam uma leitura silenciosa e depois a professora ia intermediando a discussão com perguntas aos alunos, que participavam ativamente.

As leituras individuais e coletivas também estão presentes no depoimento de P3:

Entrevistadora: Como você usa os textos?

Professora3: Uso eles impressos com leituras individuais e uso também com leituras coletivas.

É possível perceber, através das entrevistas, que as professoras, ao longo dos depoimentos, vêm demonstrando que é possível trabalhar os textos de forma que a leitura na sala de aula tenha outros significados que não apenas a decodificação do código escrito. Contudo, mais uma vez, P3 é bastante lacônica.

Ainda tentando verificar a metodologia de trabalho das professoras, retomamos a questão sobre as atividades propostas:

Entrevistadora: Que tipo de atividades você desenvolve com estes textos?

Professora1: É. Eu trabalho com esses textos é ... sempre é ... valorizando assim a questão social, a questão da realidade deles também que eu não vou trazer um texto que é fora totalmente da realidade. Então eu procuro sempre trazer esses textos dentro da realidade deles e fazendo com que eles pensem, tentar fazer

com que eles sejam críticos né. Porque o grande objetivo nosso hoje é por eu ter vindo assim dessa linhagem desses professores que a gente diz na universidade professor pesquisador né, que a gente tem que formar cidadãos críticos, então a gente tem que trazer textos e trabalhar textos que tenham a ver com a realidade deles e que façam sentido principalmente.

Durante a fase de observação de aulas, foi possível perceber que essa professora realmente procura valorizar o conhecimento do aluno. No desenvolvimento de suas atividades, ela interliga os conteúdos de forma que os alunos, através da leitura, sejam capazes de trabalhar os conteúdos de ciências e português, por exemplo. Em uma atividade durante essa fase, ela fez um ditado de palavras sobre os vários tipos de alimentos, trabalhando a parte de escrita, e, durante a correção, cada aluno foi convidado a ir até o quadro para socializar a palavra por ele escrita e depois esse mesmo aluno foi instigado a fazer sua própria correção no caderno, observando onde ele acertou ou errou. Com o intuito de ajudar aos alunos, a professora pediu para que eles elaborassem um cardápio semanal a partir de suas realidades.

É interessante observar que valorizar a questão social e a realidade em que os alunos estão inseridos é fundamental para o desenvolvimento intelectual e humano na busca por mais autonomia. Nessa perspectiva, a leitura pode gerar no aluno uma inquietação se ela estiver de acordo com a necessidade do momento. A professora também fala que sua formação deve ser um instrumento de emancipação do sujeito; que é através das experiências de leitura do mundo que o leitor se liberta das amarras e dos conflitos vivenciados.

Essa concepção de professor pesquisador a que se refere P1 pode ser relacionada ao que defende Freire (1996, p.14):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, recuperando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, contestando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Para Freire (1996), o professor pesquisador é aquele que busca conhecer a realidade dos seus alunos, que respeita o saber do aluno como algo que os insere num contexto de mundo. É também o professor que, na mediação do conhecimento, deve ser

uma ponte, pois o aluno já traz consigo a sua leitura de mundo e nessa troca o professor tanto aprende como ensina numa relação mútua. É, enfim, o professor que pesquisa para aprender, para ensinar e para intervir no seu mundo e no mundo do aluno.

A professora mostra que a leitura pode potencializar no aluno outros atributos que enriqueçam e contribuam para sua formação crítica e reflexiva no processo de aprendizagem. Assim, é fundamental que o professor tenha claro o verdadeiro papel que terá na mediação das atividades por ele desenvolvidas.

Vejamos o que diz P2:

Entrevistadora: Que tipo de atividades você desenvolve com esses textos?

Professora2: Leitura, como já foi falado, é conversas, a gente faz conversa aqui do que entendeu, brincadeiras também, agente utiliza como brincadeiras porque é muito interessante, e assim vai surgindo sabe, as minhas ideias, vai surgindo. Pronto, eu disse a eles que vamos trabalhar a feirinha da leitura, então cada um vai trazer um texto, aí a gente vai colocando ali o que se interessaram e vai chegar um dia que a gente vai sentar e todo mundo vai pegar o seu texto e vão ler o que foi que eles trouxeram entendeu. Assim vai surgindo as ideias eu vou lançando sabe? Proposta na sala pra ver se eles, se eu vejo o que eles querem agente continua.

Em todos os depoimentos de P2, evidencia-se que a leitura na sala de aula se configura como um espaço de mediação. Quando sugere que a conversa faz parte do processo integração do aluno no mundo da leitura, ela nos faz refletir que, no exercício de sua profissão, os professores não sejam meros reprodutores de conteúdos, mas que deve proporcionar espaços para o desenvolvimento do aluno, relacionando a sua vivência como ponto de partida para a aquisição de novos conhecimentos.

Notemos que ela envolve os alunos, inclusive, na formação de um banco de textos a partir de suas preferências para posterior leitura com toda a turma. Pudemos verificar, na prática, a dinâmica dessa professora, quando, durante a visita à escola, acompanhamos uma exposição desenvolvida por ela e seus alunos sobre a semana do folclore. Havia, em sala de aula, diferentes textos produzidos pelos alunos (narrativas sobre lenda, cantigas, desenhos) e que foram apresentados para toda a escola.

Passemos para o relato de P3:

Entrevistadora : Que tipo de atividades você desenvolve com esses textos?

Professora3: Interpretação e vocabulário, gramática e várias atividades que poderão ser criadas em cima do texto.

Em linhas gerais, vejamos que a professora 3 dá sempre respostas bem objetivas; ela não consegue pontuar como é importante o planejamento de atividades que levem o aluno a compreender que os textos funcionam como elemento de motivação na construção de um sujeito leitor. O texto parece sempre funcionar apenas como pretexto para as atividades de gramática (aqui incluindo o estudo do vocabulário descontextualizado).

Na fase de observação, verificamos P3 trabalhar com o texto “Quem quer trocar de pai?” Nessa atividade, a professora apenas fez uma leitura oral e pediu para que os alunos acompanhassem de forma silenciosa. Não houve uma socialização da leitura ou discussão, apenas foi feita a oralização e nada mais.

Neste mesmo sentido de tomar a leitura como parte do desenvolvimento do aluno na transformação de um sujeito ético e moral, Manguel (1997, *apud* FREITAS, 2017.P.152) lembra da necessidade de pensar as aptidões de leitura nas fases iniciais de aquisição:

[...]antes que essas aptidões possam ser adquiridos, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler.

Concordamos com Freitas (2017) quando afirma que só após essa aprendizagem do código escrito o leitor poderá ampliar suas práticas de leitura.

A partir das entrevistas, também verificamos a opinião das professoras sobre a importância uso do texto literário em sala:

Entrevistadora: Você considera importante trabalhar com o texto Literário em sala de aula?

Professora1: Muito importante é. Os textos literários eles fazem parte do nosso dia a dia e da nossa realidade né? E é muito importante mesmo. E a questão da alfabetização através dos textos é algo fantástico. Assim, eu estou começando agora nessa caminhada como professora, sou muito inexperiente ainda certo, mas sempre procurando novas formas e procuro ajuda das pessoas que possam me ajudar que são especialistas nessa área, né? O texto ele é fundamental, eu acho que tem que

estar presente, ele é necessário e traz uma carga cultural muito rica.

Vejamos que, neste depoimento, a professora afirma que os textos literários são importantes porque eles fazem parte da realidade do nosso dia a dia. Para a professora, a falta de formação é um dos fatores que prejudica o seu trabalho em sala de aula. Essa realidade é encontrada em quase todas as escolas, até porque não existe um planejamento pedagógico que aborde essas questões. A falta de um trabalho coletivo é evidente neste depoimento, já que a escola é o espaço apropriado para o desenvolvimento dessas habilidades e isso não se pode fazer de qualquer jeito. Ao contrário, isso exige do professor um conhecimento prévio daquilo que será lido.

Um dado importante nesse depoimento é verificar como a professora coloca o texto literário como algo que faz ou deveria fazer parte do cotidiano. Nesse sentido, podemos articular essa discussão sobre a pertinência do texto literário no cotidiano da escola com o conceito de Letramento literário formulado por Paulino e Cosson (2009, p.67):

Propomos definir letramento literário como um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos. Aqui convém explicitar, em primeiro lugar, que considerar o letramento literário um processo significa tomá-lo como um estado permanente de transformação, uma ação continuada, e não uma habilidade que se adquire como aprender a andar de bicicleta ou um conhecimento facilmente mensurável como a tabuada de cinco. Também deve ficar claro que o letramento literário não começa nem termina na escola, mas é uma aprendizagem que nos acompanha por toda a vida e que se renova a cada leitura de uma obra significativa. Depois trata-se de apropriação, isto é, um ato de tornar próprio, de incorporar e com isso transformar aquilo que se recebe, no caso, a literatura.

Conforme já mencionamos, também defendemos que a Literatura tem a função de levar o leitor a conhecer o mundo, a conhecer o contexto histórico e social no qual está inserido, contribuindo para sua emancipação e a tomada de decisões acerca do mundo.

Passemos ao que diz P2 sobre a presença da Literatura na sala de aula:

Entrevistadora: Você considera importante trabalhar com o texto Literário em sala de aula?

Professora2: É Claro que é importante, né? (Risos) Oh! é importante porque a criança precisa assim ter acesso a todo tipo de texto, né? E

saber o objetivo de cada texto, então um texto literário, um texto formativo, então os gêneros de textos eu gosto muito de trabalhar para eles saberem né? qual objetivo daqueles texto, então o literário também está no meio, e é importante eles ter o conhecimento de todo tipo de texto pra mim.

A professora 2 defende que o aluno precisa conhecer os vários gêneros textuais, enquanto a formação leitora vai sendo construída ao longo do tempo na escola. Desta forma, para P2, toda leitura é importante desde que ela possibilite uma interação com os elementos caracterizadores do texto, enfocando principalmente seus objetivos.

Vejamos o que defende P3:

Entrevistadora: Você considera importante trabalhar com o texto literário em sala de aula?

Professora3: Bastante. Porque é fundamental pra leitura, aperfeiçoar a leitura com relação ao aprendizado que trabalha no texto, fica mais fácil de trabalhar gramática e outras coisas, já que os livros didáticos que são fornecidos as escolas do campo vem com um déficit na leitura por ser muito resumido.

Para P3, a leitura é sempre pretexto para o estudo da “gramática e outras coisas”. Sousa (2008, p.13) defende que, no interior da escola, há um discurso que prevalece:

A concepção de que a leitura sempre tem que “servir” para alguma coisa – elevar o vocabulário, o nível de compreensão – e sempre precisa ser, de algum modo, controlada a partir de outras tarefas escolares, como preencher fichas de leituras. Essa parece ser uma condição à qual a leitura na escola está constrangida e da qual não pode fugir, dada a própria condição da escola, enquanto instituição promotora do saber e caracterizada pelos processos de ensino e de aprendizagem.

Ao falar da importância do acesso aos textos em sala, a professora 3 faz uma ressalva sobre o uso do livro didático utilizado nas escolas do campo, que vêm com um déficit na leitura por ser resumido. Isso é decorrente de uma série de fatores que, a nosso ver, explica a formação da escola brasileira tendo em vista a sua função social.

De qualquer modo, concluindo esse item, vale ressaltar que todos os professores consideram que é importante trabalhar com o texto literário em sala de aula. Eles reconhecem que, para o desenvolvimento da leitura, o professor deve apresentar para os alunos todos os gêneros textuais. Podemos dizer que, implicitamente, parece haver a compreensão de que, à medida que o aluno vai se familiarizando com a leitura, esse sujeito vai construindo sua autonomia, vai selecionando as leituras que lhe interessam,

formando sua própria opinião, buscando interagir com os assuntos ao seu redor. Nota-se que, principalmente, as professoras 1 e 2 têm consciência do seu papel como mediadoras de conhecimento, estimulando os alunos a aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, vimos que a escola brasileira ainda está longe de ser a escola para aqueles que buscam, através dela, mais acesso para garantir o seu desenvolvimento. Tendo em vista que muitos brasileiros vivem à margem da sociedade, o acesso à informação ainda é pouco, a exemplo da leitura e outros bens culturais, principalmente para os que residem na zona rural.

Por isso, defendemos a criação de projetos, no interior da sala de aula, que estimulem o gosto e o prazer pela leitura como algo essencial para a formação dos sujeitos. Nesta perspectiva, a pesquisa pretendeu identificar práticas de leitura do texto literário no interior da sala de aula e a função que, para as professoras, ela exerce no processo de aprendizagem dos alunos em escolas rurais do município de Conde-PB. Do ponto de vista metodológico, com o objetivo específico de investigar a presença da leitura literária no interior da sala de aula, entrevistamos três professoras do 4º ano do ensino fundamental de três escolas municipais de diferentes comunidades desse município: Escola Reginaldo Claudino de Sales, no assentamento Dona Antônia; Escola Jeni Rufino, no conjunto Ademário Regis, e Escola José Albino Pimentel, em Gurugi.

A partir dos dados coletados na pesquisa de campo, foi possível perceber a presença do texto literário em sala de aula. Contudo, as práticas de leitura precisam acontecer de forma mais clara. Esse é um dado que reflete a atual realidade das escolas brasileiras na promoção da leitura. Para mudar essa situação, é preciso conceber práticas de leitura que envolvam todos dentro do ambiente escolar.

Verificamos que, com exceção de uma escola, não há atividades cotidianas de leitura. E, quando isso ocorre, a leitura que é feita nem sempre conduz o aluno a ter uma proficiência leitora que o estimule a adquirir uma compreensão maior. Em geral,

percebemos que a leitura desses textos serve mais para trabalhar os conceitos gramaticais do que propriamente a leitura de forma prazerosa. Uma das professoras atribui à falta de formação a ausência de um trabalho mais eficaz com os textos literários. Outro aspecto a ser registrado é que, em todas as escolas, a inexistência de projetos de leitura é evidente.

Entretanto, consideramos que, apesar da desigualdade social que se verifica nas escolas da zona rural, as (poucas) práticas de leitura desenvolvidas pelas professoras caracterizam-se como a única forma que elas encontraram para trabalhar a leitura em sala de aula. Verificamos que as atividades desenvolvidas por P1 e P2 são mais diversificadas, diferentes daquelas desenvolvidas por P3 cujas atividades são mais voltadas para outras funções, que não é da leitura, e cujos textos são pequenos recortes, em geral, descontextualizados da vivência dos alunos.

Em alguns momentos, verificamos que a presença da leitura em sala de aula depende muito do professor durante o processo de planejamento da sua rotina diária. Uma outra consideração a ser feita é que, para se pensar a leitura como fonte de conhecimento e de prazer, é preciso pensar a leitura como função social fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Nessa perspectiva, a escola deve proporcionar aos alunos algo que seja contextualizado e que tenha significado para que eles sintam prazer ao ler o texto, possibilitando uma interação maior com o texto literário.

Por fim, gostaríamos de destacar que o texto literário é apenas um meio pelo qual o aluno se insere no meio onde vive. Desta forma, as práticas de leitura do texto literário são imprescindíveis para a vida social, pois esse uso possibilita aos alunos uma experiência enriquecedora que contribui para sua autonomia como sujeitos de direito.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil** :gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione,1997

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org.). **Ensinar literatura através de projetos didáticos de temas caracterizadores** 2º. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BRASIL. **PNBE na escola**: Literatura Fora da Caixa / Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais [Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014]. 3 v.

_____. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/saeb/ana/resultados>. Acesso em 25 out.2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em 3 artigos que se completam**. São Paulo: CORTEZ,1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.

FREITAS, Raquel Monteiro da Silva. A influência da família na formação do leitor. In: SOUSA, Maria Ester Vieira de. E SALES, Laurênia Souto. **Leitores, suportes, espaços e práticas de leitura da cultura escrita**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Escola e leitura** :velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61 – 76.

SALES, Laurênia Souto. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). **Práticas de leitura e escrita na escola**: construindo textos e reconstruindo sentidos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. Leituras **de professores e alunos** :entre o prazer e a obrigação. In: Encontro Internacional Texto e Cultura, 2008. Anais. Fortaleza: UFC, 2008.

_____. (org.). **Leitura**: entre proibições, desejos e encantamentos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

_____. Discursos sobre a leitura e o leitor: a contradição que ensina. In: **Revista Letras**, Curitiba, n. 89, p. 81-98, jan./jun. 2014. Editora UFPR, 2014.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo :Global, 2009 (coleção leitura e formação).

APÊNDICE

MODELO DE ENTREVISTA (SEMIESTRUTURADA)**PERGUNTAS PARA AS PROFESSORAS:**

1. QUAIS TEXTOS VOCÊ UTILIZA EM SALA DE AULA?
2. DE QUE OS ALUNOS GOSTAM MAIS?
3. VOCÊ USA OS TEXTOS COM QUAL FREQUÊNCIA EM SUAS AULAS?
4. COMO VOCÊ USA OS TEXTOS?
5. QUE TIPO DE ATIVIDADES VOCÊ DESENVOLVE COM ESSES TEXTOS?
6. VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE TRABALHAR COM O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA? POR QUE?

ANEXOS

ANEXOS-TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 1:

Eu me chamo xxx, eu tenho uma formação pedagógica no magistério, inicialmente eu fiz na escola Maria do Carmo de Miranda certo. Hoje eu estou cursando pedagogia com área de aprofundamento em educação do campo, ainda não conclui o meu curso, eu estou no quarto período do curso e eu estou em sala de aula a três anos e meio mais ou menos. A minha experiência em sala de aula inicialmente foi no pré certo. Na educação infantil, foi uma experiência assim bastante atribulada, né por que eu fui pra uma escola com muitos problemas mais em fim ...é até o final do ano a gente conseguiu alcançar nosso objetivo. Hoje eu estou com o quarto ano aqui na escola, eu tenho uma sala muito heterogênea né? Com a grande maioria, eu tenho alunos em vários níveis de leitura né? isso realmente é uma dificuldade muito grande pro professor. É Mais a gente vai fazendo o possível né? pra reverter esse quadro pra tentar tirar nossos alunos dessa condição de analfabetismo.

Entrevistadora: Quais textos você utiliza em sala de aula?

Professora1:É. Os textos. Eu utilizo vários tipos de textos. Vários gêneros eu não me preendo a um só. É geralmente eu gosto muito de trabalhar com poesias com literatura de cordel. É geralmente eu trago pro meus alunos eu trabalho com textos informativos também, o texto ele é bem presente na minhas aulas. Eu uso o texto frequentemente, praticamente todos os dias eu trago textos pro meus alunos e a partir desses textos eu trabalho tanto a parte interpretativa do texto e a parte gramatical certo. Eu interligo esses assuntos ao texto geralmente.

Entrevistadora: De que os alunos gostam mais?

Professora 1: Meus alunos eles adoram poesias, eles adoram literatura de cordel, eles tem paixão ... assim quando eu trago eles gostam muito e me cobram sempre pra que eu traga, então esse é um gênero que na grande maioria é um dos preferidos.

Entrevistadora: Você usa os textos com qual frequência em suas aulas?

Professora1: Eu uso o texto frequentemente, praticamente todos os dias eu trago textos pro meus alunos e a partir desses textos eu trabalho tanto a parte interpretativa do texto e a parte gramatical certo. Eu interligo esses assuntos ao texto geralmente.

Entrevistadora: Como você usa os textos?

Professora1: Eu uso os textos como falei anteriormente para trabalhar a parte interpretativa quanto a gramática. E geralmente eu trago esses textos impressos. Certo, para eles, alguns eu ...eu faço ... copio no quadro pra que eles também venham treinar essa parte escrita né? mais geralmente eu trago impresso que é pra eu ganhar o tempo.

Entrevistadora: Que tipo de atividade você desenvolve com esses textos?

Professora1:É. eu trabalho com esses textos. É sempre. Valorizando assim a questão social, a questão da realidade deles também que eu não vou trazer um texto que é fora totalmente da realidade. então eu procuro sempre trazer esses textos dentro da realidade deles e fazendo com que eles pensem, tentar fazer com que eles sejam críticos né? por que o grande objetivo nosso hoje é por eu ter vindo assim dessa linhagem desses professores que a gente diz na, universidade professor pesquisador né? que a gente tem que formar cidadãos críticos, então a gente tem que trazer textos e trabalhar textos que tenham haver com a realidade deles e que façam sentidos principalmente.

Entrevistadora: você considera importante trabalhar com o texto literário em sala de aula? Por quê?

Professora1: Muito importante. É os textos literários eles fazem parte do nosso dia a dia e da nossa realidade né? E é muito importante mesmo. E a questão da alfabetização através dos textos é algo fantásticos assim, eu estou começando agora minha caminhada como professora, sou muito inexperiente ainda certo. Mais sempre procurando novas formas e procuro ajuda das pessoas que possam me ajudar que são especialistas nessa área né? O texto ele é fundamental eu acho que tem que estar presente ele é necessário e traz uma carga cultural muito rica.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 2:

Meu nome é xxx sou professora do quarto ano trabalho nessa escola que é conhecida como quilombola e foi registrada como quilombola né.

Entrevistadora: Quais textos você utiliza em sala de aula?

Professora 2: olha os textos da gente são os mais diversificado né? Eu não tenho aquele eu não adotei um texto e nenhum livro, eu tenho os livros que os alunos, que eu vejo interesse dos alunos, que são os livros as vezes que eu trago, um texto que eu trago, as vezes um texto que tem na sala mesmo eles apresentam, eu vejo que todos tem interesse como eu mesmo já falei para você (entrevistador) do gibi. O gibi foi trabalhado na semana que eles se interessaram cada um levou um dia o gibi e comentou né. E comentou o que estava acontecendo no gibi eu achei muito interessante por que isso partiu deles esse interesse no gibi.

Entrevistadora: De que os alunos gostam mais?

Professora2:Eles gostam. O que eles gostam mais é como eu já falei, eles não tem aquele gosto pra uma coisa é aquilo que chama a sua atenção, livros que chamam a atenção deles.

Entrevistadora: Você usa os textos com qual frequência em suas aulas?

Professora2:Todos os dias, por que eles tem contato, não só aqui na sala mais como lá no cantinho da leitura, eles passam direto as vezes vão pegar livros, já vem, já com o livro na mão e eu vejo que isso ajuda a eles, por que eu deixo livre eu não fico dizendo pegue esse ou pegue aquele não, eu deixo livre por que no dia que eles quiserem pegar eles pegam e no dia que eles não quer pegar não pegam.

Entrevistadora: Como você usa os textos?

Professora2:Eu trabalho com leitura individual, ou leitura de socialização. E também assim, eu trabalho a interpretação do texto, eu gosto muito de trabalhar com a interpretação o que foi que aconteceu pra ver se realmente houve entendimento do que eles leram.

Entrevistadora: Que tipo de atividades você desenvolve com esses textos?

Professora2: Leitura como já foi falado. É conversas a gente faz conversa aqui do que entendeu, brincadeiras também a gente utiliza como brincadeiras por que é muito interessante e assim vai surgindo sabe, as minhas ideias vai surgindo, pronto eu disse a eles que vamos trabalhar a feirinha da leitura. Então cada um vai trazer um texto ai a gente vai colocando ali o que se interessaram e vai chegar um dia que a gente vai sentar e todo mundo vai pegar o seu texto e vão ler o que foi que eles trouxeram entendeu. Assim vai surgindo as ideias eu vou lançando sabe proposta na sala pra ver se eles, se eu vejo o que eles querem a gente continua.

Entrevistadora: você considera importante trabalhar com o texto literário em sala de aula? Por que?

Professora2:É claro que é importante né? rss. Oh! é importante por que a criança precisa assim ter acesso a todo tipo de texto né? E saber o objetivo de cada

texto, então um texto literário, um texto formativo, então os gêneros de textos eu gosto muito de trabalhar para eles saberem né? Qual o objetivo daquele texto, então o literário também está no meio e é importante eles ter o conhecimento de todo tipo de texto pra mim.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 3

Meu nome é xxx eu ensino nessa escola no quarto ano e é meu primeiro ano lecionando fiz o curso de pedagogia.

Entrevistadora: Quais textos você utiliza em sala de aula?

Professora3: Os textos são diversificados, eu uso os textos dos livros e também uso muito do eu gosto, eu acho os textos interessante.

Entrevistadora: De que os alunos gostam mais?

Professora3: Eles gostam mais da Deixa eu ver, tem dois que eles gostam mais, os contos e culinária eu trabalho bem legal com eles.

Entrevistadora: Você usa os textos com qual frequência em suas aulas?

Professora : bastante frequência viu. Duas vezes por semana.

Entrevistadora: Como você usa os textos?

Professora3: Uso eles impresso com leituras individuais e uso também escritos com leituras coletivas.

Entrevistadora: Que tipo de atividades você desenvolve com esses textos?

Professora3: Interpretação e vocabulário, gramática e várias atividades que poderão ser criadas em cima do texto.

Entrevistadora: Você considera importante trabalhar com o texto literário em sala de aula? Por quê?

Professora3: Bastante. Por que é fundamental pra leitura aperfeiçoar a leitura com relação ao aprendizado que trabalha no texto, fica mais fácil de trabalhar gramática e outras coisas. Já que os livros que são fornecido as escolas do campo vem com um déficit na leitura por que é muito resumido.